

## Editorial

### Tempos e Espaços, Memórias e Sujeitos do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, 1972-2022

“Os físicos às vezes dizem medir o tempo. Servem-se de fórmulas matemáticas nas quais o tempo desempenha o papel de um quantum específico. Mas o tempo não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear nem respirar como um odor. Há uma pergunta que continua à espera de resposta: como medir uma coisa que não se pode perceber pelos sentidos? Uma ‘hora’ é algo de invisível.”

Norbert Elias, *Sobre o tempo*, 1998, p. 7.

Regular o tempo, marcá-lo, medi-lo de forma objetiva, parece ser uma obsessão da modernidade. Marcar sua passagem requer medi-lo para controlá-lo. Uma das formas mais antigas de marcar o tempo ocorre através de rituais cíclicos, que apontam simultaneamente para aquilo que passou e para a sua renovação. No tempo marcado, regulado e cíclico, com o qual as sociedades modernas se constituíram, as efemérides assumiram um duplo papel: marcam e regulam a passagem do tempo e, por comparação, produzem uma reflexão sobre o presente e sobre o futuro. Também reforçam identidades de grupos: somos a partir daquilo que fomos. Dessa forma, têm sido reverenciadas como um elemento central na construção de comunidades imaginadas, no sentido dado por Benedict Anderson (2008), atuando como instrumento político potente na organização de grupos para a ação. Produzir reflexões e representações sobre o passado de uma comunidade, além de reforçar seu entendimento enquanto tal, significa pensar quem somos nós para um agir-no-mundo em conjunto.

É nesse sentido que a *Revista Espaço Aberto* do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGG/UFRJ) entendeu que, no ano em que o programa completa seus 50 anos de existência, era oportuno não apenas instigar uma reflexão sobre o seu passado, mas um esforço de produzir diferentes entendimentos sobre as suas características, visando olhar para o futuro: refletir sobre quem fomos até aqui para projetar o devir e o agir. Entendemos o passado como um recorte que deve funcionar para o presente, razão pela qual optamos por instigar a produção de arquivos de memória e não apenas um apanhado de artigos que recontam a nossa história.

A memória pode ser entendida aqui no sentido dado por Pierre Nora (1993), ou seja, como uma seleção mutável de elementos do passado que formam a identidade, seja individual ou coletiva. Se ela é fluida, é também uma seleção que *funciona* no presente, isto é, existe porque é útil. Nas palavras do autor:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado (NORA, 1993:9).

Uma das características centrais do PPGG/UFRJ desde a sua fundação é a multiplicidade de olhares sobre a geografia e o respeito à diversidade de pensamento. A historiografia predominante da geografia costuma dividir o século XX a partir do desenvolvimento de diferentes correntes: geografia regional, geografia teórico-quantitativa, geografia humanista, geografia crítica etc. O corpo docente do PPGG nunca se rendeu a apenas uma corrente, embora todas tenham sido presentes no programa através de diferentes enfoques.

Para celebrar os 50 anos do PPGG/UFRJ e honrar sua tradição de diversidade, a revista convidou professores e colaboradores para produzir reflexões acerca de diferentes características do programa e sua relação com o tempo e os espaços estudados. A edição especial traz uma série de análises que, a partir do vivido, contam e recontam diferentes aspectos de temas, sujeitos, abordagens e pesquisas que constituíram ou que ainda constituem o programa.

São muitas as visões porque são muitos os sujeitos e longo, o tempo. O PPGG/UFRJ foi o segundo programa de pós-graduação em geografia a ser criado no país, menos de um ano após seu correlato da Universidade de São Paulo. Sua fundação ocorre na sequência de um conjunto de mudanças institucionais e espaciais que transformaram a antiga Universidade do Brasil na atual Universidade Federal do Rio de Janeiro e que provocaram o deslocamento do Departamento de Geografia para o campus da Cidade Universitária na Ilha do Fundão. O programa é herdeiro do antigo Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil (CPGB), assim como da própria institucionalização da geografia no país e da primeira geração de geógrafos profissionais, da qual seus fundadores foram alunos. O chamado “triumvirato” inicial do PPGG (GOMES, nesse número) constituído por Bertha Koiffmann Becker, Maria do Carmo Correa Galvão e Jorge Xavier da Silva era um pequeno, mas potente (e diverso) grupo de professores, cujo enorme esforço inicial levou a um programa com participação em grandes projetos nacionais e de uma rede nacional e internacional ligada à geografia em diferentes instituições de ensino, pesquisa e extensão. São muitos os aspectos do programa explorados nas páginas desse número da revista, por autores que se integraram ao programa em momentos distintos.

Os textos que seguem nessa seção especial revelam diferentes aspectos da memória institucional. Também nos informam sobre a construção do conhecimento geográfico no Brasil e podem servir de importante recurso para a compreensão não apenas da formação do geógrafo no nível de pós-graduação, mas também de seus contextos, influências, percursos e resultados, tendo sempre em mente a indicação de David Lowenthal, o famoso geógrafo-historiador que tanto produziu sobre a espacialidade da memória: *“The past is a foreign country whose features are shaped by today’s predilections, its strangeness domesticated by own preservation of its vestiges”* (LOWENTHAL, 1985, p. xvii).

\*

Um programa de pós-graduação, por natureza, é composto por múltiplos sujeitos em diferentes posições. Além do corpo docente composto por quadros de destaque da geografia brasileira e internacional, é preciso citar também outros grupos não menos importantes.

Os servidores e apoiadores da biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Geografia do PPGG, rebatizada como Biblioteca prof. Maurício de Almeida Abreu logo após sua morte, merecem destaque. A biblioteca é uma obra coletiva, fruto do apoio de vários professores, da universidade, dos alunos e dos seus técnicos. Ao longo do tempo, foram vários os projetos para captação de recursos e dedicação que fizeram com que a biblioteca atingisse o nível de excelência que possui. Cabe um destaque aqui para a atuação do professor Maurício de Abreu que ao longo do tempo tornou-se o principal articulador da biblioteca e seu maior defensor. Depois de muitos esforços para a sua constante expansão, Mauricio gostava de dizer, com orgulho, que a biblioteca do PPGG/UFRJ havia se tornado a melhor biblioteca especializada em geografia do hemisfério sul. É com justiça que recebeu seu nome e hoje também detém seu acervo pessoal, assim como a mapoteca do Núcleo de Pesquisa em Geografia Histórica que havia constituído. Em tempos digitais e conectados, através do esforço e iniciativa de seus técnicos, a biblioteca soube se reinventar. Durante a pandemia de COVID-19, seu canal *youtube* tornou-se o polo aglutinador do material digital produzido pelo programa, seguido por 1,79 mil seguidores. São, até o momento, 115 vídeos, seminários e oficinas no âmbito das atividades remotas do programa. Uma nova expansão acaba de agregar à biblioteca o Núcleo de Memória da Geografia da UFRJ, que visa armazenar os acervos de memória da pesquisa e ensino de geografia na universidade e tornar-se um polo incentivador de pesquisa na área.

Igualmente, cabe registrar a atuação dos técnicos na secretaria. Convivendo sempre com restrições orçamentárias e de recursos humanos das universidades federais do país, a gestão de um programa tão grande e complexo nunca foi tema fácil. Na maior parte dos seus cinquenta anos, o programa só pôde dispor de um único servidor em sua secretaria, o que sempre acarretou muitas demandas e uma enorme dedicação. A todos os servidores que passaram pelo programa fica registrado aqui nosso reconhecimento e agradecimento.

Finalmente, um programa de pós-graduação existe por e para os alunos. Sua tarefa é qualificar a pesquisa e aperfeiçoar professores, pesquisadores e profissionais ligados à geografia. Este talvez seja o maior indicador do sucesso do PPGG/UFRJ nesses 50 anos: seus alunos. Pela sua posição no conjunto das pós-graduações, o programa sempre conseguiu atrair bons alunos, contribuir para sua formação e qualificação e ao mesmo tempo para o enriquecimento intelectual do próprio programa. Hoje a dispersão dos egressos em diferentes instituições dentro e fora do país revela o sucesso desse corpo discente egresso, presente, sobretudo, nos quadros docentes de outros programas de pós-graduação. Historicamente o PPGG/UFRJ tem contribuído para a formação de quadros e, por conseguinte, para a ampliação e consolidação do sistema de pós-graduações no país, sendo um dos programas que mais atuou nessa direção. Hoje dos 77 Programas de Pós-Graduação em Geografia do País, 42 possuem ao menos um egresso do PPGG/UFRJ como professor nos seus quadros. Apenas três estados (Acre, Roraima e Sergipe) não possuem PPG's com nossos egressos, conforme indica o mapa abaixo (Figura 1). A todos os alunos que passaram

pelo PPGG/UFRJ e contribuíram em debates nas salas de aula, em eventos científicos, em artigos e, claro, com suas dissertações e teses, nosso profundo agradecimento.

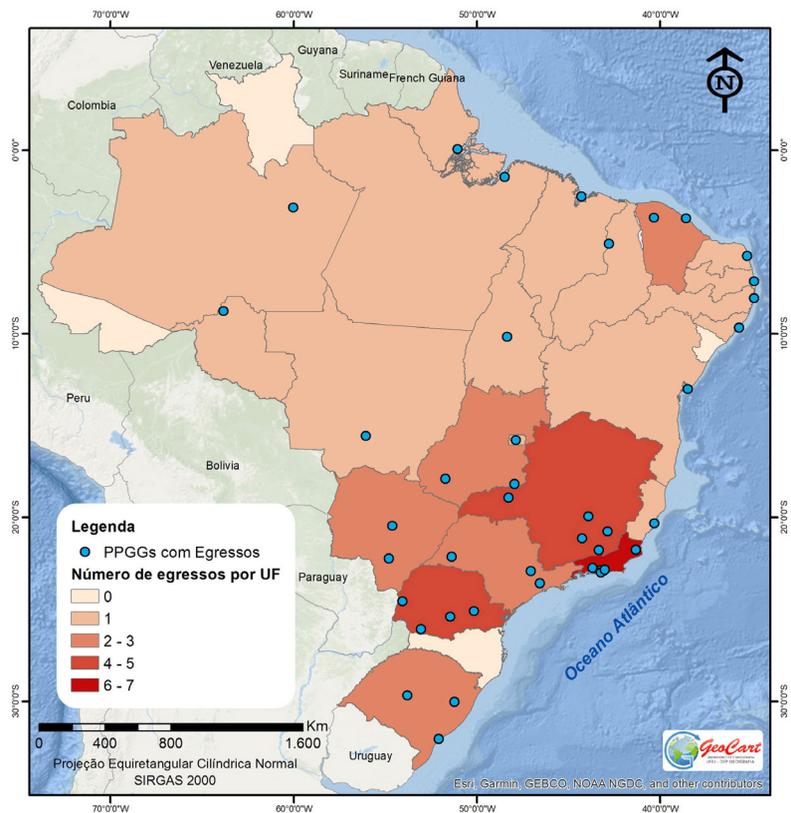


Figura 1 – Distribuição de Egressos PPGG/UFRJ pelos PPGs no Brasil.

Este número é aberto pelo artigo do professor Jorge Soares Marques que destaca a atuação de alguns professores na construção do programa. A partir de sua experiência própria no Departamento de Geografia, ele nos traz importantes considerações sobre o período de gestação do programa, desde 1966 até sua efetiva implantação em 1972, em meio às dificuldades de um regime autoritário no país. Nessa narrativa, Jorge Marques traça um interessante perfil sobre tempos e espaços da geografia carioca na universidade e seus principais sujeitos. O texto contextualiza em minúcias o processo de consolidação do curso de mestrado e, no seu trecho final, dedica especial atenção à atuação do professor Jorge Xavier da Silva, inicialmente orientador e posteriormente colega de trabalho do autor.

O artigo de Roberto Schmidt de Almeida ressalta um dos elementos distintivos do PPGG/UFRJ: sua relação com órgãos governamentais e ações de planejamento e/ou de assessoramento. Dentre eles, cabe ao IBGE um papel de destaque. Remontando à origem da Universidade do Distrito Federal, depois Universidade do Brasil e finalmente

UFRJ e à criação do IBGE no final da década de 1930 durante o Estado Novo, Roberto Schmidt ressalta o intenso intercâmbio entre os geógrafos das duas instituições sediadas na então capital federal.

O terceiro artigo dessa seção especial, escrito pelo professor Paulo Cesar da Costa Gomes apresenta uma reflexão dos 25 anos em que ministrou a disciplina *Teoria da Geografia* para os cursos de Mestrado e Doutorado em Geografia. A opção por uma grade enxuta de disciplinas acadêmicas no programa do PPGG reservou a poucas disciplinas o espaço de obrigatoriedade no curso. Além dos Seminários de Doutorado, sempre compartilhados e variáveis, Teoria da Geografia é a única disciplina obrigatória, ademais sob responsabilidade de um único professor. O artigo apresentado por Paulo Cesar da Costa Gomes aponta os desafios, problemas e questões de pensar a epistemologia da Geografia. As transformações pelas quais o curso passou ao longo do tempo são provenientes de diferentes formas de encarar o problema epistemológico na geografia e refletem tanto as transformações da geografia e as experiências do curso, quanto do próprio olhar e interpretação do seu responsável.

No artigo seguinte, os professores Paulo Marcio Leal de Menezes, Carla Bernadete Madureira Cruz e Manoel do Couto Fernandes exploram a trajetória do geoprocessamento no PPGG/UFRJ, programa pioneiro no Brasil, e produzem uma reflexão sobre o histórico e o potencial dos usos da geoinformação que tornaram o programa um polo nacional e internacional de pesquisas na área. O panorama da pesquisa em cartografia e em sensoriamento remoto é traçado a partir da perspectiva dos laboratórios construídos no âmbito do programa, respectivamente Geocart e Espaço que, ao longo dos anos, se constituíram como premiados núcleos de excelência em suas áreas.

Outros dois campos de estudos associados com ampla tradição no PPGG/UFRJ, a Geomorfologia Costeira e Geografia Marinha, são abordados no artigo de Dieter Muehe e Flavia Lins-de-Barros. O texto aborda a forma como o campo se desenvolve na UFRJ, em integração com o departamento de geologia, sua autonomização como um laboratório integrado ao programa, além de explorar diferentes direcionamentos e resultados da pesquisa ao longo do tempo.

O artigo de Iná Elias de Castro aborda, a partir de sua atuação, um campo tradicional de atuação do PPGG/UFRJ: a geografia política. A partir de sua experiência de mais de 30 anos como professora, pesquisadora, coordenadora de laboratório e orientadora, a autora traça um histórico das transformações das problemáticas de ensino e pesquisa desenvolvidas que se inter-relacionam com o contexto de produção e a própria história da geografia e da geografia política no Brasil e no mundo, ressaltando também as redes de abrangência nacional e internacional que se estabeleceram, característica demarcadora do impacto e abrangência do PPGG/UFRJ.

O texto de Marcelo Lopes de Souza analisa outro aspecto da identidade acadêmica que o PPGG construiu ao longo do tempo: a preocupação com o caráter integrador do conhecimento geográfico e a resistência a assumir uma geografia partida e dividida em duas na separação entre natureza e sociedade. Analisando contextos e vários personagens dessa história, Marcelo Lopes de Souza mostra as diferentes iniciativas, os problemas e desafios que passaram por uma geografia centrada nas relações “homem-meio” naquilo que chama de “pré-história” do PPGG/UFRJ e ressalta o recente protagonismo de uma “geografia ambiental”.

O artigo de Claudio Egler aponta para um dos focos centrais do perfil da trajetória do PPGG/UFRJ: sua associação com o planejamento e a gestão do território, que ficam claros na atuação do Laboratório de Gestão do Território, o LAGET. Como apontado no texto, sua criação em 1987 em colaboração com o IBGE, serviu para fomentar uma série de projetos ligados à gestão do território no Brasil. O destaque deve ser dado para seu caráter agregador do corpo docente dessa área de concentração do programa. A experiência pioneira do LAGET mostrou a capacidade de integração de espaços como este a partir da diversidade de enfoques que cada pesquisador oferecia. Embora nunca tenha sido desativado, o laboratório passou por um período de diminuição de atividades em função sobretudo de uma série de aposentadorias de seu corpo docente. Nesse ano, no entanto, os espaços do laboratório passaram por uma grande revitalização física e um novo projeto está sendo concebido para potencializar a área de concentração Organização e Gestão do Território.

Fechando o conjunto de artigos dessa seção especial, Ana Maria de Melo Bicalho recupera a trajetória da pesquisa e ensino da Geografia Agrária no PPGG/UFRJ. No artigo, a autora indica os professores responsáveis pela condução do campo, as disciplinas e pesquisas realizadas e sua transformação ao longo do tempo acompanhando as transformações da própria geografia, indicando também sua renovação atual. Aponta também para as redes nacionais e internacionais que foram sendo construídas e seus impactos sobre a produção do programa.

\*

No ano em que completa seus 50 anos, o PPGG/UFRJ deu início à organização de um Núcleo de Memória da Geografia da UFRJ, projeto aprovado em 2019, mas que ficou em modo de espera durante a pandemia de COVID-19 e que agora foi retomado. O núcleo que, como já indicado aqui, será abrigado pela Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Geografia Prof. Mauricio de Almeida Abreu, já conta com sala própria e recebeu um vasto acervo proveniente dos arquivos do professor Jorge Xavier da Silva. Seu objetivo é armazenar e fomentar a pesquisa acerca da memória da pesquisa e ensino da Geografia na UFRJ e funcionar, ao mesmo tempo, como arquivo e guardião dessa memória, além de espaço de consulta e pesquisa. É então no espírito de divulgação da memória e de dar acessibilidade a documentos importantes da história do programa, que essa seção especial da *Revista Espaço Aberto* traz também o que chamamos de Memórias do PPGG, com documentos e fotografias do professor Jorge Xavier da Silva, que fazem parte do primeiro acervo em processo de organização no Núcleo de Memória. Espera-se que outros acervos possam ser adicionados em breve.

O primeiro documento da seção Memórias é a Carta-circular número 1 do programa. Datada de 22 de novembro de 1971, a carta versa sobre a criação do programa e como tal pode ser considerada o registro de nascimento do PPGG/UFRJ. Em seguida, publicamos uma série de registros fotográficos do corpo docente do PPGG, para homenagear as pessoas que contribuíram para que o programa tenha se organizado com um nível de excelência internacional, tendo se mantido assim ao longo de décadas, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelas instituições de nível superior no país.

O programa é construído na ação e interação entre sujeitos: docentes, discentes, técnicos. Como apontado em inúmeros textos, desde o seu nascimento, o que caracteri-

zou o PPGG foi a excelência de seu quadro docente. A revista aproveita, portanto, os 50 anos do programa e o início da organização do Núcleo de Memória para dar publicidade às imagens dos professores que passaram ou constituem hoje o PPGG/UFRJ, muitos dos quais fotografados pelo próprio professor Jorge Xavier da Silva.

Nesse conjunto de imagens, optamos por dar um destaque especial aos pioneiros do PPGG. Dentre o chamado “triumvirato” inúmeras vezes citados nos textos que acompanham essa seção, Bertha K. Becker, Jorge Xavier da Silva e Maria do Carmo Correa Galvão, os dois primeiros já nos deixaram e mereceram números especiais da Revista. Maria do Carmo Correa Galvão, exatamente aquela que foi a coordenadora do programa durante seus primeiros dez anos de existência, ainda segue entre nós, mas é a única que não havia recebido uma homenagem da Revista. Portanto, consideramos esse o momento oportuno e convidamos a professora do programa Gisela Aquino Pires do Rio, ex-orientanda de Maria do Carmo e organizadora, em conjunto com Maria Celia Nunes Coelho, de uma coletânea sobre seus trabalhos (GALVÃO, 2009), para que fizesse um texto de reconhecimento de sua importância para o PPGG/UFRJ e para a geografia para complementar as raras imagens que obtivemos de Maria do Carmo, que sempre prezou pela discricção. Em seguida às imagens dos docentes que fundaram o Programa, publicamos fotos dos docentes que integraram o PPGG/UFRJ no passado. Em seguida, o corpo docente atual e, por fim, professores que integraram o programa por curto período, mas que sem dúvida deixaram sua marca.

\*

Mantendo seu caráter de revista múltipla de temas que envolvem a geografia, este número da *Espaço Aberto* manteve sua tradição de receber artigos em fluxo contínuo, que são então publicados na sequência. Essa seção é aberta pelo artigo de Nina Simone Vilaverde Moura, professora da UFRGS, sobre o Mapeamento Geomorfológico da Planície e Terras Baixas do Rio Grande do Sul, que pretende diferenciar-se de seus predecessores pela metodologia adotada, além do aporte de procedimentos e contribuições científicas recentes.

O segundo artigo dessa seção é o trabalho de Camila Pereira Capella, José Eduardo Bonini e Bianca Carvalho Vieira, da Universidade de São Paulo, sobre o mapeamento das zonas de transporte e de deposição de escorregamentos rasos por meio de ferramentas semiquantitativas. A partir do estudo de uma bacia hidrográfica amplamente afetada por escorregamento na Serra do Mar, os autores buscam diferenciar as zonas de rupturas, transporte e deposição de escorregamentos rasos que, por sua vez, produziram uma avaliação que pode ser usada como instrumento de planejamento em áreas densamente ocupadas.

O artigo de Gabriela Alves Carreiro, do INPE, produziu um índice RUE (rain use efficiency) para analisar os padrões espaciais de tendência à baixa resposta hidro-vegetacional em pastagens nos biomas Cerrado e Caatinga, entre 2000 e 2018.

O artigo de Thyanne Lindsay Zedes e Potira Meirelles Hermuche, da Universidade de Brasília, aplica uma metodologia de análise da paisagem calcada em ferramentas do geoprocessamento, em conjunto com a análise dos planos de gestão territorial, identificando as fragilidades e potencialidades ambientais inerentes aos compartimentos da paisagem. Como resultado, as autoras propõem a criação de uma nova Unidade de

Conservação no Distrito Federal, com características únicas que necessitam de gestão adequada num ambiente urbanizado como o Distrito Federal.

O artigo de Thiago Roniere Tavares, da UFRJ, por sua vez, correlaciona os fenômenos de segregação espacial e injustiça ambiental, a partir da análise dos impactos da instalação de uma indústria siderúrgica no bairro de Santa Cruz, na cidade do Rio de Janeiro.

Por fim, o último trabalho da seção artigos é aquele de Marcela Antonieta Souza da Silva, Julia Paulino, Thiago Lopes Ribeiro e Daniel Abreu de Azevedo, da Universidade de Brasília. No artigo, os autores analisam o impacto da pandemia de COVID-19 na câmara de vereadores de um município de Goiás, Cavalcante, compreendida como um espaço político exclusivo.

Este número é encerrado pela seção Resenhas, com o texto preparado por Carolina Monteiro de Carvalho sobre o livro *Mapeamento participativo e cartografia social: aspectos conceituais e trajetórias de pesquisa*, organizado por Raquel Dezidério Souto, Paulo Márcio Leal de Menezes e Manoel do Couto Fernandes. A resenha nos mostra que o livro foi concebido para promover a disseminação dos conceitos e práticas do método para o mapeamento participativo e descreve em detalhes o arcabouço conceitual dos métodos e ferramentas, além de trazer casos práticos emblemáticos, nos quais os métodos podem ser aplicados, com foco nos benefícios que o processo pode trazer para as comunidades.

\*

Ao fechar esse número especial da *Espaço Aberto*, comemorativo do 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Geografia, os editores mais uma vez saúdam a vitalidade de um programa de pós-graduação que fez da diversidade de ideias sua característica fundamental, que preza pela sua memória e tudo aquilo que já representou, mas que tem sabido ao longo dos anos renovar-se, revigorar-se e olhar adiante mesmo diante das inúmeras dificuldades do mundo contemporâneo, certo de contribuir a partir de um olhar geográfico em prol da justiça socioambiental. Que venham os próximos anos!

Os Editores  
Rio de Janeiro, primavera de 2022

## Referências Bibliográficas

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, n. 10, p. 07-28, 1993.